

A PALAVRA LATINA



"Pela desmistificação do capitalismo e de sua imprensa conservadora, e em apoio às lutas populares legítimas em todas as suas formas"

Ano II - número 09 - São Paulo # Novembro de 2005 - R\$ 2,00

jornal associado ao

RESUMEN
latinoamericano

Quase dois irmãos

Eleições internas afundam o petismo como alternativa das esquerdas, enquanto a extrema-direita tucana se aproveita da crise para sair do limbo. Conforme artigo do filósofo Paulo Arantes, PT e PSDB são hoje quase dois irmãos. Quase...

Se o momento é de luto, é também de reflexão tática e de unidade como fundamento necessário para se reerguer a possibilidade socialista.



Francisco Mendini

Manifestações contra visita de Bush são reprimidas com violência em diversas capitais brasileiras. Elogios do Imperador a Lula foram recebidos com muita desconfiança pela população.

Pág. 2 e 3

Liberdade para Olivério Medina !



Yuri Martins Fontes

Governo se rende às pressões de Bush e prende ilegalmente o embaixador para negociações de paz das FARC-Exército do Povo no Brasil.

Pág. 5

nesta edição

MTST faz ocupação em SP; Governo mantém presos políticos do MST 4

Análise: democracia, por Hamilton Octávio de Souza 6

As relações político-econômicas da Alternativa Bolivariana 8

Crônica: O sol da liberdade 9

Bolívia: Os últimos minutos de Che Guevara 10

cultura

Pablo Neruda: O poeta do mar 10

Poucas Palavras Allan da Rosa, Hermann Hesse, Jorge Mautner... 11

Cinema

Uma análise do documentário sobre as origens da crise na Argentina 12

Momento de luto, reflexão e unidade para reerguer a possibilidade socialista

Eleições internas aprofundam definitivamente o PT como alternativa de esquerda, e extrema-direita tucana se aproveita da crise para sair do limbo

Muitas dúvidas pairam por sobre as cabeças progressistas após a crise generalizada que se instalou entre as esquerdas brasileiras, com a corrupção ideológica de um governo eleito como centro-esquerda, mas que adotou uma orientação cômoda e conservadora de governar.

O unânime ponto final nas possibilidades de se reorientar o PT – este que chegou a ser o maior partido de esquerda do mundo – foi dado com a patética eleição interna ocorrida há pouco. O campo majoritário (de Berzoini, Dirceu e Lula) chegou a usar métodos coronelísticos para vencer o apertado pleito – desde caminhões para transporte de eleitores, a pagamentos de dívidas dos filiados, para que pudessem votar. ACM não faria melhor.

O desânimo é ainda maior quando contrastamos o governo covarde de Lula, com o ousado Chávez – que tantas esperanças lança no imaginário das possibilidades reais do socialismo deste novo século, embora seu enfrentamento ainda não tenha passado de reformas, ainda que contundentes.

Mesmo se compararmos o governo brasileiro ao de Kirchner – eleito sem muitas pretensões – vemos o quão distantes estamos do ideário petista que por tantos anos norteou ações. O presidente argentino ao menos deu um bom calote em três quartos da dívida de seu país, enquanto Lula é aplaudido por Bush, que chegou a afirmar que “os EUA e o Brasil têm hoje as maiores democracias do mundo”. Nossos pequenos vizinhos que se preparem para a pilhagem, caso a

“democracia” tupiniquim “melhor” ainda mais. Intervenção no Haiti vai parecer café pequeno...

Não obstante o continuísmo liberal do governo petista, cabe pontuar e analisar alguns fatos curiosos. É sintomático o posicionamento da grande imprensa diante do mar de denúncias que assolou o poder – e que aparentemente se iniciou ao acaso, devido a um desentendimento entre comparsas que agiam nos Correios. Aproveitando-se da decepção popular diante de um governo incapaz de promover as transformações que sempre propôs, a imprensa oligárquica (Veja, Estadão, Folha SP, Época, etc) massacrrou o PT, desviando a atenção do povo da corrupção ideológica, para uma suposta corrupção de maior importância, a eleitoral e parlamentar – quando na verdade, neste país, esta última nunca passou de perfumaria ética.

A empolgação denuncista foi tão longe que acabou por afetar a própria extrema-direita, derrubando o presidente do PSDB Eduardo Azeredo. Isto era de se esperar, pois todos sabemos que sem “Caixa 2” ninguém se elege “democraticamente” no capitalismo.

É realmente trágico perceber que, apesar do governo PT ter se orientado covardemente segundo um liberalismo de desenvolvimento meramente econômico e sem nenhuma divisão de riquezas – um desvio ideológico sem precedentes – ainda assim a favorecida burguesia nacional opta por destruí-lo por meio de seu monopólio midiático.

Os porquês desta curiosa prática só podem ser explicados por um sentimento xenófobo de uma elite de coloração fascista, a qual não admite que um trabalhador sem estudo superior e com sotaque da periferia possa governar empresários refinados – e que se creem muito cultos quando ostentam suas imensas bibliotecas cheias de livros que nunca serão lidos e de teorias abstratas que servem apenas para iludir e travancar o avanço humano.

A pobreza-de-espírito das elites brasileiras demonstra o quanto este grande país é atrasado – mesmo quando comparado aos próprios vizinhos, que apesar de mais pobres, em geral têm taxas de escolaridade e leitura superiores à

nossa.

A oposição de extrema-direita se distingue do atual PT – liberal centro-direitista – basicamente por dois fatores. Primeiro, não percebem as vantagens que podem obter a partir de uma política externa mais independente dos EUA e Europa. Segundo, não suportam fazer nenhuma concessão aos miseráveis – sequer lhes agrada as esmolas que Lula dá através do Bolsa-Família. Melhor investir em muros, cadeias e polícia.

Ao contrário da omissão oportunista de Lula, a prática do tucanato pressupõe requintes de maldade. Tal é o caso das últimas obras do vampiro José Serra em S. Paulo, quando concretou rampas chapiscadas debaixo dos túneis onde dormiam mendigos – de forma a “eliminar a pobreza” da região financeira da Av. Paulista. Hitler invejaria o nosso prefeito presidenciável.

A trágica situação a que chegamos, portanto, é a de total desorientação das esquerdas. Não há unidade, nem tática de ação efetiva, em curto prazo – ainda que a fome não espere. Alguns camaradas de partidos coerentes, no desespero, chegaram a pedir a impedimento do presidente, sem atentar ao fato de que isso imediatamente levaria os fascistas tucanos de volta ao comando.

Outros companheiros socialistas, exaltados, alegam que Lula é pior que FHC, pois cooptou os sindicatos e os movimentos sociais. Esquecem-se, estes, de que FHC já os havia enfraquecido por meio das privatizações, arrochos e terceirizações. Tanto, que se a mobilização social estivesse firme, Lula não teria feito o que fez. Não sem uma revolta popular – como as que vêm frequentemente ocorrendo na América (Bolívia, Argentina, Equador...).

De qualquer forma, como afirma o professor Paulo Arantes, PT e PSDB são quase dois irmãos. Quase... Mas deverão ser combatidos juntos, por uma frente de esquerda que, independente de sectarismos, se una por um governo socialista – e que não se furete em declará-lo – rumo a uma nova ordem igualitária, onde direitos e deveres sejam um bem comum a todos os seus cidadãos – uma sociedade comunista.

Autonomia Editorial

O Jornal A Palavra Latina não é vinculado a nenhum partido específico ou entidade, não recebe mensalidade, nem tampouco apoios empresariais que possam comprometer sua independência político-editorial.

Desta forma, seu custo produtivo intelectual é mantido por idealismo de militantes e colaboradores, e o custo material básico é garantido pelos parceiros e apoiadores – segundo as “cotas-assinatura” adquiridas por entidades progressistas (sindicatos, centros estudantis, etc).

A PALAVRA LATINA

Conselho Editorial:

Yuri Martins Fontes, Waldo Lao, Ivan Leichsenring, Cassiano Novais e Bia Rangel.

Conselho Político:

Alejandro Buenrostro, Carlos Aznarez, Carlos Latuff, Cesar Cordaro, Emir Sader, Gilberto Maringoni, Hamilton Octávio de Souza, Jorge Grespan, José Arbex, Lincoln Secco, Marcos Del Roio, Paulo Arantes, Vera Vieira e Zanini Hijo.

Imagens: Marcelo Min, Latuff, Maringoni, Waldo Lao e Yuri.

Revisão Final: Ivan e Zanini.

Diagramação e Arte: José Mário

Correspondência e Exemplares: apalavralatina@yahoo.com

3231-0692

www.acepusp.org.br/apalavralatina

Matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Tiragem padrão:

12.000 exemplares

Periodicidade média: bimestral



• Um dia vou parar com os imprevistos...
• É, falar de imprevisto traz problemas, presidente...
• Não é questão de falar, é de governar...

Crise Política

Paulo Eduardo Arantes*

Quase dois irmãos: PT e PSDB

No momento em que escrevo, consta que o Ministro das Relações Institucionais teria telefonado aos seus pares tucanos, alvejados igualmente por um cheque "valeriano" fatal, para assegurar que PT e governo não têm nada contra ninguém, nem pretendem perseguir ninguém, longe disto, afinal "nossos partidos são primos" (OESP, 26.10.05, A9). Errou por pouco o parentesco: são quase irmãos. Daí a guerra, aliás muito particular também.

Costuma-se comparar a derrocada petista à Queda do Muro de Berlim. Seria o caso de se prolongar a analogia acrescentando que nem por isso a Guerra Fria terminou. A intensidade da crise atual demonstraria ao contrário que estamos testemunhando um daqueles momentos típicos de escalada do conflito. Combate-se inclusive por procuração nos mais variados teatros.

Hoje a Bomba é o Capital. Em decorrência, o estado de emergência permanente que caracterizou a Era nuclear – e até hoje não foi desativado, diga-se de passagem e num registro não metafórico, são centenas de mísseis balísticos engatilhados – estendeu-se ao alerta econômico prestes a disparar e retaliar ao menor sinal de desvio heterodoxo. Mais esclarecedor ainda é a lembrança de que no decorrer da Guerra Fria de verdade foi ficando cada vez mais claro que não se tratava de uma luta de morte entre sistemas incompatíveis – postos em perspectiva histórica, o mais primitivo deles provou ser uma estratégia bárbara de recuperação do "atraso" que o separava da variante de mercado do mesmo modelo global de dominação.

Quanto ao desfecho delinqüente, convém não esquecer, guardadas é claro todas as proporções, o assim chamado paradigma russo do qual se aproximaram em muitos aspectos as privatizações tucanas; tampouco, no campo rival, a presteza da conversão negociada da nomenclatura partidária. Não custa relembrar ainda que uma guerra total de horizonte cataclísmico como aquela, tendia a se confundir no limite com uma tecnologia mais abrangente de poder, sendo o principal instrumento de controle, a gestão do medo pânico de populações em situação de insegurança crônica. A guerra disciplinar de hoje é igualmente permanente e difusa, porém imobiliza pelo terror econômico.

Voltando à dimensão tucano-lulista, não é difícil perceber que no seu rastro

vai se constituindo um sistema de governo condominial de medos administrados. Para ser mais preciso: nossa Guerra Fria de araque, na verdade está sendo travada para valer num ambiente bem real, além do mais moldado à imagem e semelhança do universo soviético em decomposição – no caso a implosão prévia do ciclo desenvolvimentista periférico. Aqui o cenário de ruínas e despojos em que transcorre a guerra dos partidos primo-irmãos, os dois sustentáculos de uma sociedade de desindustrialização endividada.

Um episódio característico desse consórcio fraterno foi a aberrante CPI da Evasão de Divisas, também conhecida como CPI do Banestado, responsável pela proeza inédita de parir dois relatórios paralelos, não conduzindo de resto a lugar nenhum, malgrado a montanha de crimes financeiros rastreados: um relatório produzido pela presidência tucana, outro, pela relatoria petista, sendo que o governo Lula fez de tudo, primeiro para evitar a instalação da comissão, depois para contê-la.

Mesmo assim, a direita mal agradecida encerrou o caso atirando nos "primos". As carreiras paralelas do sociólogo-presidente e do sindicalista-idem, assinalam um curioso sistema de transformações de sapo em príncipe e vice-versa, desde os apoios mútuos iniciais no confronto com a ditadura, até o recrutamento em sequência daqueles quadros da nova esquerda pós-64 por um *establishment* exaurido e carecido de operadores, legitimados pela biografia recente, em condições de gerir uma sociedade prestes a mergulhar no desmanche do pós-desenvolvimento.

Deu no que deu. O *mediador providencial* nomeado conciliador universal de todos os antagonismos de uma nação dilacerada quando muito armou um jogo de cena entre tese e antítese: enumerando a esmo, agro-negócio e reforma agrária, Monsanto e movimento ambientalista, Microsoft e *software* livre, gesticulação diplomática sul-sul e tropas no Haiti a mando do Império, etc. A síntese não veio e não virá.

Uma sociedade derrotada como a brasileira foi lançada para além da hegemonia – como Chico de Oliveira percebeu faz algum tempo: rompeu-se a linha de representação entre interesses, classes e partidos, como aliás a crise está demonstrando. Quando até mesmo a idéia

de igualdade se tornou implausível, aos dominados restaram apenas as promessas podres do consumo.

Noutra escala, dá-se o mesmo com a famigerada retomada da hegemonia americana, hoje mais próxima do consentimento extorquido por uma dominação fraudulenta e militarizada, do que da direção moral de um bloco histórico capaz de filtrar demandas mundiais de incorporação.

Em vez de olhar melancolicamente pelo retrovisor da ruptura que não aconteceu, me parece mais proveitoso encarar de uma vez a longa conjuntura adversa que está se inaugurando desde que o petismo lulista aderiu para valer ao programa do campo inimigo. O estrago não é trivial nem se repara com correções de rumo. Estamos diante de uma real ruptura de época no momento em que a guerra de exterminio entre os dois irmãos está revelando as entranhas de uma sociedade pós-desenvolvimento, da qual, não custa repetir, os dois partidos em luta de morte são os pilares políticos.

Uma coisa é certa, ninguém sairá ileso e de alma lavada da implosão espetacular do PT e do fiasco calamitoso do governo Lula. Sem falar no vazio em que nos precipitamos todos. Gostaria de estar enganado, mas não dá para fugir da evidência de que tão cedo não se apresentará uma força política em condições de ocupar o lugar vago deixado pelo PT no campo popular e polarizar com a direita mais uma vez vitoriosa, desta vez porém, com o seu braço esquerdo lulista.

Tampouco dá para dissimular que não nos concerne o drama eleitoral que se avizinha. Uma derrota de Lula no ano que vem, depois de plantada na opinião pública, pelo poder de convencimento das imagens espetaculares dos desmandos petistas, a idéia de que o povo pobre não foi capaz de criar um partido diferente da rotina fisiológica e mandonista dos demais partidos, será vista como confirmação de uma inferioridade de classe inquestionável, legitimando de vez a nova onda reacionária que estará varrendo dentro em pouco o país.

Por outro lado, uma vitória do candidato e do partido que o povo ainda reconhece como seus, embora imponha uma nada desprezível derrota eleitoral à direita, consagrará na verdade o pior do novo populismo, uma aliança dos grotões com as camadas rentistas articulada por

uma nova classe de predadores políticos.

Como ficamos, entre uma derrota que aprofunda a desmoralização de todo o campo popular e uma vitória que confiscará de vez a consciência política dos espoliados de sempre? Mantidas as atuais condições de temperatura e pressão, me parece que, por uma geração, sem discurso nem moral para voltar a falar em nome do socialismo a uma população de cuja imaginação a atual escola tucano-lulista está se encarregando de erradicação até a memória de que a superação da desgraça econômica capitalista algum dia foi não só desejável como possível.

Como se esse dilema não bastasse, é quase certo que também se apresente neste teatro de simulações uma terceira miragem, a meio caminho da esquerda e do *establishment* alternativo, na recomposição de uma coalizão política distributiva em condições de sustentar um projeto nacional de desenvolvimento, em princípio na contramão do centro imperial. Colecionam derrotas desde o fracasso do Plano Cruzado, em 1987, a última delas em novembro de 2004, quando perderam o último reduto acantonado no mítico BNDES. Embora tão perdedores nas últimas duas décadas quanto a esquerda que foi aos poucos se desgarrando do petismo ao longo deste mesmo período, nada os move do propósito de em algum momento serem contemplados por uma inesperada alteração na correlação de forças.

Na condição de fiadores de impossíveis guinadas endógenas, são membros natos de todas as frentes anti-neoliberais. Na mais notória delas, o Fórum Social Mundial, podem ser vistas ao lado de movimentos sociais alternativos sustentando a tese não menos utópica de que um outro capitalismo é possível – aliás o pessoal da Taxa Tobin não diz coisa muito diferente. À sua maneira estão em crise também, como o restante das esquerdas. Como, no entanto, ao contrário destas últimas, são membros históricos do debate macro-econômico brasileiro, que sempre correu por uma faixa institucional limítrofe do poder, podemos contar com a sua colaboração para baralhar ainda mais o jogo de cena ideológico da guerra eleitoral fratricida que vem por aí.

* (Professor da FFLCH - USP e membro do Conselho Político deste jornal)

Todo Porto Rico é um portorriquenho

Honra e glória ao músico e combatente independentista Filiberto Ojeda, assassinado pelas forças estadunidenses de ocupação

Jorge Gómez Barata* (ALTERCOM)

Os revolucionários nunca foram maioria nem tiveram a seu favor a correlação de forças. Cair em combate é um risco calculado.

Filiberto Ojeda Rios, escolheu morrer combatendo frente a inimigos os quais, sabendo que ele estava ferido, tentaram humilhá-lo deixando-o morrer esvaindo-se em sangue. Trezentos efetivos do FBI contra um homem de 72 anos, enfermo do coração, que ademais tratou de proteger sua mulher.

Dobrado pela idade, pelos rigores de 15 anos de clandestinidade e persuadido de que a luta pela independência podia seguir outros rumos, Rios depôs sua beligerância ativa.

Não era já um perigo para os norteamericanos, era algo mais: um símbolo e os símbolos não se matam. Por isso trataram de diminuí-lo deixando-o morrer inerte, como ele não queria.

Músico de profissão, Ojeda Rios se destacou entre os lutadores pela independência de Porto Rico numa batalha de quase 50 anos. Em 12 de setembro de 1983, em Connecticut, encabeçou o comando de assalto a um caminhão blindado da *Wells Fargo*, apropriando-se de sete milhões de dólares. As autoridades estadunidenses aceitaram como atenuante que o dinheiro havia sido empregado na luta pela independência de Porto Rico e não para lucro pessoal.

Foi julgado e condenado a 55 anos de prisão. Em 1990 se desfaz do dispositivo de segurança eletrônico o qual controlava seu deslocamento, indo para a clandestinidade. O único mandato com que contava o FBI contra ele era uma ordem de detenção emitida por um Tribunal de Distrito.

A envergadura da operação e a violência com que foi efetuada foram desproporcionais.

Depois do tiroteio em que Ojeda

ficou ferido, o FBI manteve o cerco à moradia durante horas, tempo em que o ferido se esvaiu em sangue.

Tão escandalosa foi a atuação do FBI que o governador Anibal Acevedo Vilá anunciou que pedirá às autoridades federais uma investigação sobre a forma em que levou a cabo a operação e as circunstâncias da morte de Ojeda Rios. Pela primeira vez um governador concorda com o Movimento Independentista.

A autópsia praticada por legistas do Instituto de Ciências Forenses em San Juan e presenciada pelo doutor Héctor Pesquera, representante dos familiares,

confirmou que a ferida provocada em Ojeda não foi suficiente para matá-lo instantaneamente, pelo que se pode presumir que recebeu assistência médica e pode sobreviver.

A morte de Filiberto Ojeda Rios comoveu a sociedade boricua (termo local para designar os portorriquenhos) que, qualquer que seja sua posição ante a independência da Ilha, evidência seu respeito

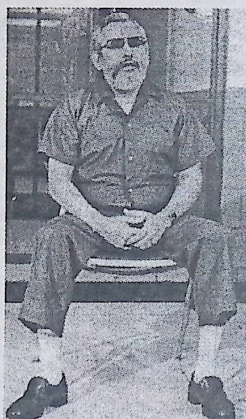
pelo combatente caído.

O direito dos portorriquenhos de lutar pelas sua independência é uma prerrogativa inalienável e uma continuidade do que no passado fizeram os filhos de todas as repúblicas ibero-americanas. Apoiá-los é um compromisso de princípio.

Não importa que sejam minoria. Enquanto exista um portorriquenho que queira a liberdade e lute por ela, nele estará Porto Rico.

*[Professor universitário, pesquisador e jornalista cubano, autor de numerosos estudos sobre os EEUU]

Tradução: Cassiano Novais



O revolucionário Ojeda



MST: Presos Políticos

José Rainha, dirigente do MST, e outros integrantes do movimento estão presos desde julho, no interior de São Paulo, sob a acusação fraudulenta de "formação de quadrilha e furto". A prisão aconteceu quando José Rainha compareceu a uma audiência no Fórum de Teodoro Sampaio (SP), onde seriam ouvidas testemunhas num processo cuja acusação seria a de ter realizado uma manifestação nos Bancos do Brasil e Banespa em 2000. Tais "crimes" teriam acontecido durante invasão na fazenda Santa Maria, cujo dono Jovelino Mineiro é amigo e sócio do ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.

A pedido do juiz Átis de Araújo, Rainha não poderá apelar da condenação em liberdade, nem mesmo entrar com o pedido de *habeas-corpus*. Este mesmo juiz já condenou à prisão outros 29 sem-terra e chegou a comparar o movimento com o PCC (Primeiro Comando da Capital).

Estes abusos judiciais, característicos da era FHC continuam no governo Lula sem que o governo ou o próprio PT tome nenhuma providência para coibir a arbitrariedade judicial. Ao contrário, as declarações de Lula contra o "radicalismo" são uma garantia para os juizes de que eles podem continuar a pisotear os direitos dos Sem-Terra impunemente. Conforme o MST, atualmente 11% dos agricultores não têm renda, 47% ganham até um salário mínimo e há 4 milhões de trabalhadores rurais sem-terra.

[Com o apoio do Boletim do PCO]

Sobre o MST, visite:

www.mst.org.br



Sem-Teto ocupam terreno em Taboão da Serra, São Paulo

Saudações à todos os companheiros. Nós do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto) comunicamos que na noite de 30 de setembro, um conjunto de 300 famílias de nossos lutadores sem teto ocupou um terreno abandonado no município de Taboão da Serra. Essa gigantesca área vazia era uma propriedade privada, responsável por uma dívida milionária com a prefeitura, contendo um prédio embargado de conjunto habitacional. O local não cumpre nenhuma função social, além do fato de o local ser palco de uma série de estupros, de violências de toda sorte e de tráfico de drogas.

A ocupação que foi batizada como Acampamento Chico Mendes, conta hoje com pelo menos 3.000 famílias, resiste bravamente às ameaças e presões por desocupação (mulheres, crianças, idosos e trabalhadores ocupam a área, resistem às inúmeras ameaças e constroem novas formas de socialização, baseadas na igualdade e na justiça social). Contamos com sua presença solidária e combatente! O acampamento fica no Jd. Helena, em Taboão da Serra, próximo à divisa com São Paulo (na região do Campo Limpo).

MTST, a luta é pra valer!

www.mtst.info



Acampamento Chico Mendes - SP

Colômbia

Embaixador das FARC é detido no Brasil a pedido de Uribe e Bush

Yuri Martins Fontes*

"Todo homem, vítima de perseguição, tem o direito de buscar e contar com asilo em outros países" (artigo XIV da Declaração Universal dos Direitos do Homem).

Nos últimos dias de agosto passado, a Polícia Federal do Brasil, em ação conjunta com a Interpol (a serviço da CIA) deteve na cidade de São Paulo o representante diplomático das FARC-EP no Brasil, Olivério Medina, quando regressava de um encontro com diversas organizações de esquerda. O pedido veio do governo colombiano, através de sua promotoria. Segundo a ONU, pedidos de extradição não devem ser feitos por promotores, mas somente por juizes. O presidente Uribe é o principal aliado latino-americano dos EUA – a Colômbia é o segundo maior investimento dos EUA, depois de Israel.

O padre retirado vive há cerca de dez anos no Brasil. É casado, tem um filho brasileiro e, por conta disso, possui cidadania brasileira. Foi uma peça importante nas últimas tentativas de negociação da paz, terminadas em janeiro de 2002, logo após a traição do governo anterior (Andres Pastrana), que sucumbiu diante da pressão estadunidense.

Homem sério, de traços mestiços, olhos pequenos e olhar firme, o antigo padre é um guerrilheiro cujas principais armas sempre foram o verbo, a caneta e a filosofia.

Foi durante a década de 70 que Francisco Antônio Cadenas Collazos – ou simplesmente Olivério como é conhecido pelos tantos companheiros brasileiros – começou sua carreira de militante socialista. Era então um jovem padre que desenvolvia trabalhos pastorais em Neiva, ao sul da Colômbia. Dedicava sua vida ao trabalho de melhorar as condições de existência das comunidades camponesas semi-escravizadas, totalmente isoladas de quaisquer direitos e desprezadas pelo poder público.

Foi aí que sua luta começou a ganhar reconhecimento. Em pouco tempo passou a sofrer perseguições por parte das autoridades locais. Proprietários de terras e latifundiários preocupados com as atividades subversivas e "perigosas" de um sacerdote que proclamava bem diante de seus narizes a

necessidade de que aquela gente miserável fosse alimentada, tivesse acesso à saúde e à educação básica, exigiram que as autoridades tomassem medidas duras através do exército oficial. O ex-padre foi então ameaçado de morte pelos paramilitares de extrema direita – braço clandestino e ilegal do poder público, usado para assassinar e intimidar líderes populares há mais de meio século naquele país.

Para seguir com seus ideais e ações, e manter sua vida, deixou a batina e subiu as montanhas. As FARC o receberam com gosto. Segundo ele mesmo afirmou na ocasião, "Foi grande minha surpresa quando descobri que a guerrilha tinha em sua linha política, e desde o seu início (1964), a proposta de construir a solução pacífica para os problemas colombianos".

Olivério, antes de padre e guerrilheiro, é um grande estudioso dos problemas latino-americanos. A tranquilidade com que emite suas idéias, a paz e a esperança que transmite com seu jeito claro e simples de falar podem ser confirmados por qualquer ativista que tenha tido o prazer de escutá-lo em uma das tantas reuniões políticas e sociais, às quais Olivério, quando convidado, sempre fez questão de comparecer, participar e fazer pública sua posição.

Certa vez, logo depois da virada do século, foi convidado a compor uma mesa de debate organizada pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade de São Paulo (DCE-USP). O tema tratava das "Possibilidades de paz na América

Latina hoje". Era um meio de semana chuvoso e o trânsito da metrópole atrasava a organização do evento. O auditório da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP) estava repleto de estudantes ansiosos pela palestra histórica. Mas não foi possível ouvi-la. Olivério acabou de ser convidado a compor a mesa, quando entrou ofegante um diretor do DCE e avisou pelo microfone: "Conforme ordens da Polícia Federal – de acordo com instruções da CIA – o Comandante Olivério está impedido de se expressar publicamente".

Em outras palavras: em nossa "soberana e democrática nação", um pensador religioso e político não poderia



Guerrilheiros das FARC em formação nas montanhas da Colômbia.

comunicar suas teses, pois as ordens de Tio Sam tinham validade até mesmo dentro da autônoma e pública Universidade de São Paulo. O homem não poderia colocar seus pontos de vista nem poderia contar suas histórias, pois ordens de cima (do deus Mercado) diziam que ele não era mais um homem.

A história da Colômbia é uma história dura. Mais difícil ainda que as dos demais povos sofridos da América Latina. Em muitas oportunidades, presidentes desse país aceitaram dialogar com os movimentos armados. O caso do M-19 é um bom exemplo: essa guerrilha negociou a paz, entregou suas armas, se constituiu em um partido político e terminou tendo a maior parte de seus dirigentes assassinados pelos paramilitares.

Mais tarde, as próprias FARC tentaram o mesmo. Fundaram a União Patriótica – inclusive com a participação de Olivério. Em poucos anos, tiveram cerca de 3000 membros assassinados ou "desaparecidos".

É importante recordar que até contra-ataque islâmico deferido aos EUA em 11 de setembro de 2001, a luta político-militar das FARC era reconhecida pela maioria dos governos europeus. Desde então, todos os guerrilheiros comunistas do mundo passaram a ser classificados de "terroristas" e tudo o mais que quiz o histérico e poderoso Império do Norte. Cabe também dizer que o atual presidente colombiano Uribe é ligado às Auto-defesas Unidas da Colômbia (AUC), grupo paramilitar direitista com reconhecidas práticas terroristas – e cujos criminosos, em seu governo estão sendo anistiados e

aproveitados nas fileiras do exército oficial. Tudo, é claro, sob a aprovação do governo Bush. Além disto, o narco-presidente Uribe mantém hoje mais de 7000 presos políticos – mas ninguém se lembrou deste fato na última reunião sobre "Direitos Humanos", quando os gringos e seus mui amigos condenaram a Cuba.

O pedido de extradição de Olivério é apenas parte de uma série de ações do "Plano Colômbia" (ou "Patriota"), que visa inviabilizar qualquer diálogo de paz, de maneira a justificar a intervenção norte-americana na América do Sul como, aliás, já vem ocorrendo.

O Brasil sempre defendeu o princípio de não intervenção em conflitos alheios e abriu suas portas a refugiados políticos. Os raros casos de entrega de presos políticos são considerados uma mancha em nossa história – como foi o caso de Olga Benário Prestes, comunista e judia, entregue aos nazistas pelo ditador Getúlio Vargas – apreciador de Hitler.

Ninguém duvida que o fim de Olivério, se extraditado, será o mesmo de Olga: a morte sob tortura. Não podemos permitir que Lula, presidente eleito com massivo apoio e que se reivindica portador dos interesses populares (ao menos é o que diz), traia esse irmão de luta, enviando-o à morte. Nem sequer o esdrúxulo FHC o fez, quando Olivério Medina foi preso sob seu governo.

Ademais, a Constituição do Brasil proíbe a extradição política. Os corruptos juizes brasileiros não têm o poder de enviar Olivério ao inferno. A decisão final passa por Lula. E a história não o perdoará se cometer mais essa traição.

*[da Redação]

A conquista da democracia

Hamilton Octavio de Souza*

A noção mais ou menos geral de democracia, difundida no Brasil pelo liberalismo dominante e reforçada até mesmo por correntes de pensamento socialista crítico, contempla a liberdade de expressão, o sistema representativo, o direito de votar e ser votado, a prevalência da vontade da maioria e o respeito às minorias.

Assim entendida, a democracia é método e processo, através dos quais alcançamos os fins e os objetivos, a realização de algo que diga respeito ao anseio e interesse do grupo social, da comunidade e da sociedade. Aprendemos a defender o uso do processo democrático (candidatura, campanha, eleição, voto) para conquistar o poder político – a administração pública – e, através do qual, melhorar as condições de vida do povo, proporcionar bem estar e felicidade geral.

Costumamos defender tais métodos porque, aparentemente, estão fundamentados na igualdade de oportunidades para todos, na visão de justiça e na idéia de que a força da maioria está sendo respeitada, assim como asseguram base social e estabilidade para o que for decidido.

No entanto, na prática, a democracia brasileira não obedece fielmente tais postulados, o que é praticado não combina com o que é difundido, ensinado nas escolas, propagado pelos meios de comunicação e propugnado pelos defensores do liberalismo.

A “democracia” liberal sofre distorções de todos os tipos, mas a maioria delas têm a ver com a própria natureza de uma sociedade de classes dominada pela burguesia. Exemplos concretos dessas distorções são definidas pelas leis e pelos modos como a prática se realiza – geralmente determinada pelo acúmulo patrimonial, pela riqueza e pela força do dinheiro.

Reforçam essas distorções a tradição de mando das oligarquias brasileiras, os resquícios presentes de uma abolição da escravatura não

comprometida com a inserção social dos negros, a herança do *coronelismo* que ainda predomina na história da República, a arrogância e a prepotência dos ricos – que ainda controlam as terras, a produção, as comunicações de massas e o jogo político.

Todos podem concorrer numa disputa eleitoral, mas têm mais chance de alcançar o sucesso os que articulam mais recursos financeiros, proporcionados em grande escala pelo capital – e não pelos trabalhadores e assalariados em geral. Da mesma forma, todos estão livres para fazer campanha e difundir suas propostas, mas os protegidos do capital contam com o poder da mídia (os meios de radiodifusão massiva) e com os esquemas altamente profissionais de *marketing* e propaganda.

Nos termos em que está colocada para a sociedade brasileira, a “democracia” atual não passa de um discurso permeado pela hipocrisia e de uma farsa bem encenada pelas elites dominantes e por setores sociais empenhados na demagogia perante as camadas populares. Não apenas as elites enganam; enganam também àqueles que conhecem os limites da democracia liberal-burguesa e continuam defendendo-a para as massas.

Os pobres, os trabalhadores e os excluídos (políticos, econômicos e sociais) só terão alguma chance de construir um processo verdadeiramente democrático e uma sociedade mais justa e igualitária se organizarem seus próprios instrumentos de pressão e de luta – e principalmente de conquista do poder.

Contra a falsa democracia, que se imponha a verdadeira democracia – na qual todos tenham as mesmas condições e as mesmas oportunidades, e na qual todos os meios disponíveis – a comunicação de massas, as máquinas públicas, os partidos – sejam utilizados por todos no mesmo nível de igualdade. A democracia é uma utopia – é preciso conquistá-la.

*[Hamilton Octávio de Souza é jornalista e professor da PUC-SP]

Morre o militante internacionalista Apolônio de Carvalho

“Para mim, o socialismo é a forma superior de democracia”

Nascido em 1912, no Mato Grosso do Sul, Apolônio integrou a Aliança Libertadora Nacional nos anos 30, e o PCB até os anos 60. De 1936 a 1939 lutou contra Franco na Guerra Civil Espanhola, e de 1942 a 1944 combateu a ocupação nazista junto aos franceses. Incansável batalhador, em 1968 funda o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Mais tarde, em 1980 viria a assinar a primeira ficha de filiação do PT.

Faleceu no último setembro, aos 93 anos de idade. Em sua última entrevista – em agosto, à Revista Sem-Terra – o “jovem amadurecido” Apolônio afirmou que “queremos a juventude do mundo através do socialismo, mas o povo não compreende de repente como participar do processo”, e completou que o processo deve se dar “armando o povo com a formação, não só de cultura, mas de debate político”. “Precisamos saber ganhar o nosso povo, fazê-lo compreender que essa realidade é muito injusta e cruel, mas que é possível transformá-la”.

Longa vida aos nobres ideais deste imortal revolucionário.

Malária ainda é infecção que mais mata no séc. XXI

Medicina segue sendo ciência quase inútil para o povo em geral

Segundo estudos da Fundação estadunidense Bill e Melinda Gates (algo como uma confissão de culpa), só 0,3% da verba que banca estudos médicos no mundo é aplicado na pesquisa da malária, apesar desta ser a doença infecciosa que mais mata no mundo. O fato, embora trágico, não é incomum, já que a malária só afeta países subdesenvolvidos, e portanto sua pesquisa não tem interesse comercial. Assim, sob a ótica capitalista, os grandes investimentos farmacológicos continuam sendo na área da cosmética – afinal, segundo a ética vigente, mais vale parecer que ser.

Quirguistão elege governo comunista

Após a dissolução da URSS em 1990, alguns dos países tornados independentes trocaram a via de desenvolvimento “socialista” de modo soviético – deste então lenta e autoritária – pela via capitalista. Assim, transferiram rapidamente o patrimônio público para as mãos de uma ínfima minoria – através das privatizações. Surgiram então as novas máfias, que hoje mandam e desmandam na região.

Em poucos anos constatou-se o fracasso do novo modelo e começaram as rebeliões. Os comunistas voltaram a ganhar força na Rússia e em muitas das suas ex-Repúblicas satélites. Há cerca de um ano, foi eleito democraticamente na Mongólia um renovado Partido Comunista.

Recentemente, no mês de setembro, em eleições supervisionadas por organismos internacionais como a Organização para a Segurança e Cooperação da Europa, foi eleito o comunista Kurmansbek Bakiyev para o governo do Quirguistão com 88% dos votos válidos. O comperecimento às urnas foi altíssimo (quase 75%). Segundo analista político local, “a democracia [capitalista] só nos trouxe roubalheira e prostituição”.

O primeiro questionamento do novo governo foi acerca da continuidade de uma base militar dos EUA estacionada no país desde 2001 – consequência da guerra do Afeganistão. Outros países da região também vêm reivindicando a saída das tropas gringas de seus territórios, como Cazaquistão, Uzbequistão e Tadjiquistão.

[com o apoio do Jornal Inverta, Prens Latina (Cuba) e agências internacionais]

Democracia

A importância da Consulta Popular

Waldo Lao*

Um exemplo que tem que ser mais exemplos

Ao longo de décadas foram poucas as consultas levadas a cabo de forma que a população pudesse votar e decidir por seu patrimônio e futuro. Uma delas realizou-se o ano passado no Uruguai, um plebiscito que deu o direito aos cidadãos de votar se a água seria um bem público ou privado em mãos de duas empresas européias. Mais de 60% da população votou a favor da nacionalização do recurso. Grande vitória em um país tão pequeno.

Na América Latina, muito raras vezes a sociedade decide por seus direitos, recursos, segurança ou sobre as privatizações que o Estado faz das companhias públicas. Não se pensa nas próximas gerações.

Por exemplo, houve as consultas que os Zapatistas fizeram para que os próprios mexicanos decidissem sobre o futuro de mais de dez milhões de indígenas que vivem no país, uma consulta que apesar da sua pouca resposta participativa, serviu como um meio informativo para que as pessoas de todo o país soubessem o que acontecia em Chiapas. Tal iniciativa não deveria vir do Estado? O governo não deveria realizar uma consulta nacional antes de ter assinado o

Nafta em 1994 — acordo que prometia a inserção do México no primeiro mundo mas que só conseguiu aumentar os índices de pobreza e desemprego no país?

No mês passado no Brasil, realizou-se uma consulta sobre o *desarmamento*, uma consulta perante a qual a população estava muito pouco informada. A propaganda mal feita de ambos os lados não ajudou neste esclarecimento — foi apenas mais um voto obrigatório.

E quanto às privatizações, não seria importante fazer um plebiscito antes de tê-las realizado? Antes da aplicação de projetos como o Plano Colômbia, o Centroamericano (Cafta) e o Plano Puebla Panamá? Todos eles com a pequena curiosidade de ter como autores intelectuais os colarinhos brancos de Washington?

Que dizer das bases militares que o exército dos EUA tem em toda a América Latina (mais de dez)? Não deveria ser votado quem salvaguarda nossa própria segurança? Será que perguntaram ao povo paraguaio quando o exército estadunidense instalou uma base militar em seu território (em um dos pontos mais estratégicos da América do Sul)? E será que o presidente da Guatemala consultará a população quando instalar ano que vem uma base com mas de 12 mil soldados dos EUA na fronteira com o México?

Não foi o povo venezuelano que decidiu pela sua soberania e segurança, quando votou a favor da nova Constituição Bolivariana, que lhes dá o direito de derrubar seu presidente se não cumprir com a mesma? Deveríamos atentar a essas experiências de voto popular onde realmente se exerce com plenitude a democracia livre e efetiva.

A partir da década de 90, as privatizações arrasaram o patrimônio público da América Latina. A lógica do neoliberalismo acabou se

impondo como regra política, econômica e ideológica, abrindo as economias para o mercado internacional.

Nesta década, as 500 empresas públicas mais importantes da América Latina já eram propriedade das transnacionais (principalmente dos EUA e de Espanha, Inglaterra e França).

E que dizer das privatizações dos bancos? O banco Bilbao investiu 3 bilhões de dólares na América Latina. Menem na Argentina privatizou grande parte do patrimônio nacional, o que significou uma perda de cerca de 60 bilhões de dólares. No México, Carlos Salinas de Gortari deixou um país que hoje depende quase 60% dos EUA. Fernando Henrique Cardoso no Brasil privatizou as mineradoras e as companhias de gás — que eram das maiores empresas do país.

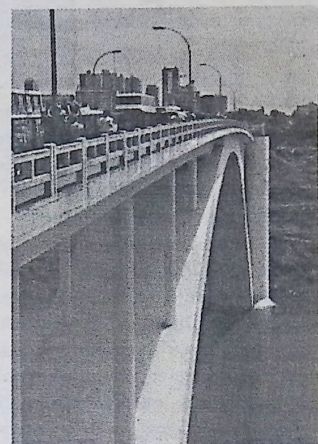
Mas de todos estes casos, Alberto Fujimori no Peru foi quem seguiu passo a passo a receita neoliberal, deixando o país com um dos maiores índices de pobreza, quase 60% da população (12 de 22 milhões de peruanos).

Será que os governos do Equador e de El Salvador consultaram a população quando dolarizaram o país? E pensar que foi pela pseudo via democrática que alguns destes presidentes se reelegeram quase automaticamente. Para alguém perguntaram sobre as outras privatizações, como dos recursos naturais, dos meios de transporte e comunicação (telefones e correio)? Ou são somente as reuniões a portas fechadas do FMI e do Banco Mundial que decidem o futuro dos países do mundo?

Com tudo isso, basta fazermos uma pergunta: A vocês eles perguntaram? — porque a mim não.

*[da Redação]

O Paraguai invadido! E depois?



Ponte da Amizade na Tríplice Fronteira

Há cerca de alguns meses os EUA inauguraram uma base militar no território do Paraguai, e ali estacionaram 400 soldados. Não se sabe ao certo o principal interesse imperial no vizinho país: se é somente o Aquífero Guarani (a maior reserva de água doce do mundo) ou se pensam também em nossas reservas nacionais de Urânio (quinta do mundo) e na biodiversidade da Amazônia, sem contar o petróleo e a bio-energia. O que se sabe é que por muito menos, o Iraque, a Bósnia e o Afeganistão foram destruídos.

Já andam especulando que desta vez a argumentação do Bush vai ser o número de palestinos exilados que vivem na Tríplice Fronteira: “deve ter muito terroristas”, segundo afirma o patrão do Norte.

Surpreendentemente, a imprensa amarela brasileira (Estado, Veja, Globo etc) não mencionou o fato. O único órgão de comunicação suja, dentre os grandes conservadores citados — que noticiou algo a respeito foi a Folha de São Paulo. Mas sequer conseguiu produzir artigo próprio. Curiosamente, em sua edição virtual, a Folha cita o discurso do comandante Fidel Castro, mais conhecedor de nossos problemas do que nossas próprias elites intelectuais e jornalísticas. * [YMF, da Redação]



Manifestação nas ruas de S. P.

La ética de los revolucionarios y la ética del comportamiento capitalista ¿Qué hay detrás de la acción de Chávez?

Arleen Rodríguez Derivet *

Petrocaribe parece haber llenado de dudas a los tanques pensantes de Washington. Con los precios que ya tiene el petróleo - alrededor de 60 dólares el barril - y los que podría alcanzar este mismo año (cerca de los 100 USD el barril), la decisión de Chávez de compartir las enormes riquezas de Venezuela con sus vecinos de menos recursos, los intriga y desconcierta. Así como el acuerdo que entre los dos países (Venezuela-Cuba), dio nacimiento a la Alternativa Bolivariana para las Américas (ALBA). Es cuestión de "mutua necesidad: Chávez necesita la experiencia cubana en salud y educación para sus misiones y Cuba necesita el petróleo para apuntalar su economía".

Tampoco se explica que la colaboración se extienda al Caribe, o que en perspectiva esté concebida para las dos Américas (y no solo la Nuestra, como aclaró Chávez en persona, durante una conferencia magistral sobre el ALBA en abril pasado en La Habana). Cuando se trata de Cuba y Venezuela, adicionalmente, sus misiones parecen reducirse a poner cuño,

descalificar, envenenar, desde la atalaya del "experto". Por eso las mediatintas que sobran en la evaluación del panorama socioeconómico regional, se tornan afirmaciones categóricas, cuando la vicepresidenta de diálogo dice de Chávez que, "su estrategia de retener el poder no sería la que es sin la asistencia del aparato político cubano."

He ahí otra grosera simplificación de los hechos, que silencia interesadamente las razones por las que a Chávez supuestamente le interesaría *retener el poder*. ¿Qué le impide reconocer que solo en los últimos seis años y por primera vez en la historia de Venezuela, el poder no ha sido fin sino medio, y no se ha usado para enriquecer a una casta sino para llevar los beneficios de la abundante renta petrolera hasta las mayorías hambrientas que nunca antes accedieron a ellas? Si bien se citan las "misiones", no se las explica, no se dice que han permitido la alfabetización de 1,400,000 personas y cubierto de médicos, estomatólogos, técnicos de salud, y atención de primera clase a los superpoblados cerros caraqueños y otros confines de la miseria donde se cobijaron por más de 50 años los desheredados de la fortuna de ese país tan rico con un pueblo tan pobre, que fue la Venezuela de copeyanos y adecos alternándose en el poder.

Por supuesto que ninguna evaluación salida de los círculos intelectuales leales a Washington reconocerá generosidad o sentido de responsabilidad detrás de los dinámicos procesos integracionistas que promueve Chávez. No solo porque no los comparten, sino porque no los comprenden. Tal como los generales romanos -formados en la "ética del imperio", que hizo de

la conquista y el sometimiento de otros pueblos un derecho natural - despreciaron, persiguieron y condenaron a los primeros cristianos que, generosos y humildes, practicaban la ética inversa.

Por otro lado, la generosidad de Chávez es, efectivamente, un acto inédito en la historia más reciente pero en el pasado no lo fue. ¿Acaso no dieron más, no dieron sus propias vidas los que con Bolívar cabalgaron por toda América tras el ideal de independencia y formación de una gran nación que casi dos siglos después es todavía un sueño? No se han ido en el último medio siglo cientos de miles de cubanos hasta mundo desconocidos para salvar de la muerte, la insalubridad, la ignorancia, a otros pueblos tan o más pobres y compartir con ellos un capital humano que es en definitiva nuestra única riqueza?

Petrocaribe como Petrosur, Telesur, el ALBA en definitiva, no son más que pruebas de cuánto puede cambiar al mundo un gesto generoso. Pero también son denuncias contra la ética contraria: la de la especulación financiera que infla precios solo pagables por los poderosos y la de los emperadores expertos en autoatentados y mentiras que desatan guerras para apoderarse de recursos energéticos ajenos.

Concedamos a la mediocre filosofía de los que no creen en la generosidad porque sí, porque a la humanidad le hace tanta falta como la justicia, que hay algo detrás de la generosidad de Chávez. Hay algo sí: hay un mundo nuevo naciendo. Y hay también un montón de peligros que lo acechan, como ya se puede advertir en la maledicencia de los expertos.

Europa em Chamas

Yuri Martins Fontes

Após séculos de opressão, descendentes de africanos e asiáticos – cujos pais e avós em geral são oriundos de ex-colônias francesas – saem às ruas em busca de que o tão propalado engodo "liberdade, igualdade e fraternidade" deixe de ser apenas um conjunto poético e franco-orgulhoso de palavras vazias sem concretude.

Os revoltosos são, na maioria, habitantes das periferias das grandes cidades. O levante se iniciou em Paris, espalhou-se pela França, e agora já atinge outras capitais europeias (Alemanha, Bélgica e Inglaterra).

São jovens desempregados e desiludidos – ainda que alimentados por salários-desemprego pagos às custas da exploração da dívida externa de países pobres. Assim, eles por muito tempo foram mantidos calados e afastados da vida cultural dos belos Campos Elíseos centrais da Cidade das Luzes – exilados nos bairros feios e cinzentos da periferia parisiense.

Por hora, parece que resolveram levar a sério essa coisa de Cidade das Luzes e buscar seu espaço ao Sol. Como não o encontraram, criaram suas próprias fontes de luz, queimando carros nas ruas – primeiro nos subúrbios e agora também no centro histórico.

Quem sabe agora – com o problema chegando às suas portas – as classes médias europeias sempre omissas percebem a gravidade da situação, e se somem à luta contra o pensamento único que desde a corrupção do modelo soviético tem tendido cada vez mais para um novo fascismo brando de cosmética democrática.

"A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte". A gente quer democracia de fato: liberdade para criar, igualdade para se expressar e fraternidade para ser ouvida – pois democracia não é apenas para efeitos de contabilidade de votos.

BOITEMPO
EDITORIAL

A Boitempo Editorial celebrou recentemente 10 anos de publicações engajadas e de qualidade. Visite:

www.boitempo.com



Chaves participa de manifestação na Venezuela

* [Periodista cubana]

Crônicas

O sol da liberdade

Ivan Leichsenring*

Brasil. Outubro de 2005. Os brasileiros, informados através dos meios de comunicação souberam que eram livres o bastante pra votarem, pois afinal de contas vivemos numa democracia e temos a melhor urna do mundo, melhor até que a dos Estados Unidos e da Europa inteira, a mais segura, a mais confiável... No Brasil, nem tudo é futebol e acaba em festa, nossa democracia é séria e... democrática.

Ser telespectador antes de ser alfabetizado é aquilo de mais democrático que possa haver, é generalizado. Aqui, também é direito universal a ausência de leitura e de compreensão do que se lê; aponta-se, segundo o último censo do IBGE, para 75% da população brasileira. Um dia chegaremos lá, nos 100%, se Deus quiser, mas Ele vai querer porque todos sabemos que Ele é brasileiro e o brasileiro não desiste nunca.

Nossa justiça apesar de cega, tarda mas não falha. É válida para todos...os civis. Estamos orgulhosos dela, afinal o Maluf tardou e foi preso e, ainda, provamos que o PT é tão corrupto quanto o PSDB, PFL, PP, PTB, PPS, PDT, PQP... Roberto Jefferson é nosso herói... cobrado nesse instante, muito mais popular que Aírton Senna, pois apesar de não ter acertado na quina ganhou milhões de fãs. É o mais verdadeiro exemplo da consolidação da democracia.

Temos ainda nesse país de espetacular divisão de terras e desenvolvimento agricultura, de rendas e de partidos, excelentes hospitais e convênios médicos, remédios genéricos para todos e nossa saúde é das melhores do mundo, tal qual nosso sistema de saneamento básico e de transporte. Nosso índice de natalidade é altíssimo e ninguém, ninguém mesmo não tem onde morar ou passa fome no Brasil.

Vimos a dona Daslu ser algemada e presa pela nossa maravilhosa polícia federal por crime

de sonegação fiscal e ser defendida por seus representantes que não concordaram com isso, mas todos nós temos liberdade de expressão, mais um direito democrático conquistado. Vimos que alguns indivíduos dessa mesma polícia revenderem algumas armas dos civis que haviam sido compradas pelo governo na campanha de desarmamento. Mas isto é detalhe de novela numa democracia mais que sólida.

Não foi nada absurdo então este referendo do dia 23 de outubro de 2005. Temos uma organização policial exemplar para todos os outros países - sobretudo a militar, diga-se de passagem, causadora de inveja em todos os países civilizados do planeta. Nossa polícia é digna, de modo geral, e é bem treinada, bem assalariada, com trabalhadores de perfil psicológico ideal para atuar nas ruas, em síntese, respeitadora dos direitos democráticos e humanos duramente conquistados pelos brasileiros nos últimos 500 anos. Nossas forças armadas cuidam muitíssimo bem do nosso subcontinente: aqui não há e nunca haverá tráfico de armas; não há corrupção.

Vivemos no país ideal e nossa economia, ah! A nossa economia é causadora de inveja! Valorizamos nossos cidadãos e nossa cultura, nosso ar, nossa visão natural. Não há racismo e preconceito, não há miséria, subnutrição, favela, latifúndio, justiceiros no campo ou nas cidades, desemprego, subemprego, trabalho escravo. Não há. Nossa mídia é democratizada, a mais democratizada do mundo, graças a Deus!!! Não existem nessa adorada e idolatrada *terra brasilis* crimes como os citados. Portanto, é mais do que óbvio que todos nós brasileiros lutemos pelo desarmamento e votemos a favor da proibição do comércio de armas e munições.

*[da Redação]

Sobre vacas, mendigos e arte

Flávia Resende*

Há cerca de um mês, uma notícia me causou espanto: o prefeito de São Paulo (José Serra) mandara construir rampas "anti-mendigos" em um túnel que liga a Av. Paulista com a Dr. Arnaldo.

No mesmo dia fui à avenida em questão e encontrei uma dessas vacas que artisticamente enfeitam a cidade. A vaca que está em frente ao Conjunto Nacional tem uma particularidade: está de óculos escuros, enfeitada por pimentinhas e foi patrocinada por uma marca de óculos escuros cuja logomarca são pimentas.

Isso me lembrou da distinção feita por Kant na *Crítica do Juízo* entre os trabalhos do artista e do artesão: simplificada, a obra daquele não tem uma utilidade (uma vez que está ligada à razão livre e vinculada apenas à moral), enquanto a obra deste tem (é produto de uma razão condicionada e vinculada à técnica). É o caso, por exemplo da diferença entre uma escultura e um vaso; enquanto àquela não tem uma função prática, este, por mais bonito que seja, tem a função de portar flores.

No caso das vacas elas seriam consideradas obras de arte que extrapolaram o espaço fechado e restrito das galerias e museus para ocuparem as vias públicas e, com isso, dar um acento irreverente à vida corrida do paulistano. Porém a vaca de óculos escuros e pimentinhas, a que me referi, tem a utilidade de fazer publicidade da marca de óculos escuros. Assim, ela não é uma

obra de arte, mas um produto funcional de um artesanato. É apenas um "novo conceito" de publicidade que ocupa as vias públicas.

O curioso é que os moradores de rua também podem ser considerados obras de arte, pelo mesmo critério, pois eles não têm qualquer utilidade. Apenas ocupam o espaço público e "atrapalham" o uso que o "cidadão de bem" pode fazer das calçadas. Assim, mais do que as vacas, eles poderiam ser considerados Arte pelo prefeito: pois não têm nenhuma função prática, nem a de ostentar publicidades.

Quando vi a vaca comecei a pensar na medida "higienista" da prefeitura de São Paulo e na eterna confusão entre o público e o privado; a pensar na necessidade de um governo fascista em esconder um problema social gravíssimo - como se as pessoas não fossem pessoas. Os mendigos nunca seriam considerados obras de arte por duas razões: a primeira é que, embora não sejam reconhecidos como tal, são pessoas; e, a segunda, é que a dura realidade que representam precisa ser afastada da vida corrida do paulistano que tem mais a fazer do que pensar em problemas sociais e, por ser esse um cidadão que paga impostos, merece ver a vaca, irreverente publicitária de óculos escuros.

*[advogada e correspondente da sociedadeatlantina@grupos.com.br]



Marcelo Min

Pablo Neruda

Waldo Lao

Parral, 12 de julho de 1904. Em um pequeno povoado ao sul da capital de Santiago nascia Nefalí Ricardo Reyes Basoalto, que anos mais tarde se transformaria no grande poeta chileno Pablo Neruda.

É no esplendor da natureza, da amizade, das paixões e do amor pelas mulheres que Neruda define sua condição como poeta. Além de ser defensor dos povos da América Latina, foi navegador e colecionador entusiasmado de caracóis, estatuas de proa e instrumentos de navegação. O escritor viajou pelo mundo inteiro, sendo cônsul no México e na Espanha, assim como embaixador na França. Em 1971, ganhou o prêmio Nobel de Literatura. Entretanto, Pablo Neruda não pôde suportar a agonia de ver como um golpe militar no Chile, formado por quatro membros da *Escola das Américas* - liderados pelo então professor de Geopolítica Augusto Pinochet - acabavam com o processo democrático que caminhava de mãos dadas com o povo. O poeta jazia num hospital, enquanto as metralhadoras e os militares destruíam sua casa e sua nação. Em seus últimos momentos, escutava com esperança o último discurso com que seu amigo Salvador Allende se despedia dos chilenos. Neruda viria a morrer de câncer na clínica Santa Maria, na cidade de Santiago, doze dias depois do golpe militar de 1973.

Para recordarmos um pouco desse grande poeta, uma poesia do livro publicado em 1924, *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*.

Gosto quando te calas (poema 15)

Gosto de ti quando calas porque estás como ausente, e me ouves de longe, e a minha voz não te toca.

Parece que os olhos tivessem voado de ti e parece que um beijo te fechara a boca.

Como toda as coisas estão cheias da minha alma emerges das coisas, cheia da minha alma.

Borboleta de sonho, pareces com a minha alma, e pareces com a palavra

melancolia.

Gosto de ti quando calas e estás distante.

E estás como que te queixando, borboleta em arrulho.

E me ouves de longe, e a minha voz não te alcança: deixa-me que me cale com o silêncio teu.

Deixa-me que te fale também como o teu silêncio claro como uma lâmpada, simples como um anel.

És como a noite, calada e constelada.

Teu silêncio é de estrela, tão longínquo e singelo.

Gosto de ti quando calas porque estás como ausente.

Distante e dolorosa como se tivesses morrido.

Estou alegre, alegre de que não seja verdade.



Sobre o assassinato de Che*

Marcelo Buzetto**

Che Guevara foi capturado no dia 08 de outubro, entre 13h30 e 14h30, após um combate entre 17 guerrilheiros e soldados bolivianos que cercavam a região próxima à *Quebrada del Churo*. Eram 1500 soldados, das unidades A e B dos *rangers* do exército boliviano. Às 6h30 daquele 8 de outubro de 1967, o camponês Pedro Peña informou ao exército que vira 17 homens acampados na *Quebrada del Churo*.

Durante o combate, os guerrilheiros se separaram, perdendo o contato entre eles mesmos; alguns foram mortos, outros conseguiram escapar. Che e Simon Cuba ("Willy") foram aprisionados. Enquanto disparava contra os soldados, sua arma, uma carabina M-2, foi atingida no cano, ficando inutilizada. Para piorar a situação, Che perdera o pente de balas de sua pistola 9 mm e uma segunda bala o atingiu, na barriga da perna esquerda. Ferido e desarmado, não havia outra saída a não ser se entregar.

O Sargento Bernardo Huanca, presente no momento da captura, afirma que, quando se aproximaram dos dois guerrilheiros, Che teria dito: "Não atire. Eu sou Che Guevara. Valho mais para você vivo do que morto". Logo chegaria o Capitão Gary Prado, que amarraria as mãos do guerrilheiro com seu cinturão. Enquanto os dois prisioneiros eram transportados para La Higuera, um povoado próximo de onde estavam, o combate entre guerrilheiros e soldados continuava.

Na noite do dia 8 de outubro aumentavam as expectativas sobre o futuro do comandante guerrilheiro. O que fazer com Ernesto Che Guevara? Ficaria preso na Bolívia? Seria levado pela CIA para ser interrogado no Panamá? Seria executado?

Às 6h15 da manhã de 9 de outubro chegavam, de helicóptero, ao povoado, o coronel Joaquín Zenteno Anaya e o agente da CIA Felix Rodriguez, também conhecido como "Capitão Ramos". Este último afirmou para Che ter sido membro da Brigada 2506, uma milícia anti-comunista treinada pela CIA; e o comandante recusou ser interrogado por ele. Felix Rodriguez disse que não pretendia fazer nenhum interrogatório, simplesmente gostaria de "trocar idéias".

Ao meio-dia, o Capitão Ramos pediu a Che Guevara se era possível fazer uma foto dele do lado de fora da escola onde o comandante estava detido. Che concordaria e veria a luz do sol pela última vez.

Às 12h30 chegaria uma mensagem pelo rádio ao Coronel Zenteno Anaya. Era o alto-comando boliviano em La Paz que decidira pela execução de Che Guevara, a partir da autorização do presidente da Bolívia, o General René Barrientos. A ordem foi encaminhada para o então Tenente-Coronel Selich e este afirmaria que a tarefa deveria ser cumprida pelo Tenente-Coronel Ayoroa, pois era o comandante da unidade que capturou Che.

Che Guevara ficaria sabendo da execução de alguns de seus companheiros. Também conseguiria ouvir os disparos que tirariam a vida de Simon Cuba, percebendo que sua hora chegara. O agente da CIA Rodriguez falaria com ele minutos antes de sua execução,



afirmando que havia feito de tudo para que ele ficasse vivo, pois queria levá-lo para fora da Bolívia, para que fosse preso e interrogado.

Para cumprir a ordem de eliminar Che Guevara, o Tenente-Coronel Ayoroa requisitou voluntários, e o Sargento Mário Terán ofereceu-se para "fazer o serviço". Felix Rodriguez afirmaria ainda que pediu ao sargento que não olhasse no rosto do prisioneiro, pois iriam dizer que morreria em combate durante a tentativa de capturarem os guerrilheiros. Quando Terán entrou no local onde se encontrava o Comandante Che, com ar de quem havia bebido um pouco mais do que o normal, o revolucionário teria dito ao seu carrasco "Sei que você veio para me matar. Atire, covarde, você só vai matar um homem".

As informações sobre a hora da execução de Guevara indicam que ela ocorreu entre 12h51 e 13h10, do dia 9 de outubro de 1967. O médico e jornalista Reginaldo Ustariz Arze diz quando o Sargento Terán entrou para executar Guevara, o prisioneiro levantou-se, ficando frente a frente com seu executor. Não poderia ser diferente, pois alguém que fez de sua vida um grito de indignação contra todas as injustiças cometidas contra qualquer ser humano em qualquer parte do mundo, não poderia ter outra postura que enfrentar a morte desta maneira.

Quando seu corpo foi levado para Valle Grande, começou a mentira de que ele morreria em combate com as tropas do exército no dia 8 de outubro.

* As informações apresentadas foram retiradas de: ANDERSON, Jon Lee, *Che Guevara - uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.; PERICÁS, L. B., *Che Guevara e a luta revolucionária na Bolívia*. São Paulo: Xamã, 1997.; ARZE, R. U., *Vida, morte e ressurreição do Che*. São Paulo: Brasbol, 2004.

Poucas Palavras

História de vida

Quase dois anos, após dezesseis que nos amamos.

Passaram-se os anos, tantas alegrias e desganhos, penso que ainda nos amamos.

Hoje em nossa velha casa estivemos, juntando nossos discos, meus livros e os panos, avaliando os danos, onde chegamos.

Onde chegaremos, com sorrisos ermos, de tudo o que passou, que será que ainda restou, ou o que ainda teremos.

O que será que desta vida ainda teremos, novos amores, talvez outros sabores, esqueçamos tristezas e rancores.

De todos os amores que precisamos, já o temos, como uma ilha, nossa filha.

Beto Kabelo

Eucaristia

Una muchaca que se desnuda
sin testigos
para que sólo la miren
el espejo o el sol
en realidad no está desnuda

solo lo estará cuando otros ojos
simplemente la miren
la miren y consagren
su desnudez.

Mario Benedetti



“ Existe uma virtude - e só uma - a que muito amo: a obstinação. Não atribuo o mesmo valor a todas as virtudes de que falam os livros e os professores. Entretanto, poderíamos abranger sob uma só palavra todas as virtudes inventadas pelo homem. Virtude - é obedecer! Toda a questão está em sabermos a quem obedecer... Também a obstinação é obediência. Mas todas as outras virtudes, tão estimadas e decantadas, são obediência a leis feitas pelos homens. Só a obstinação é que não dá a menor importância a tais leis... O obstinado obedece a outra lei, a uma lei única, absolutamente sagrada: - à lei em si mesma, ao sentido (Sinn) de seu próprio ser (des Eigenen).”

Hermann Hesse

A bandeira do meu partido

A bandeira do meu partido
É vermelha de um sonho antigo
Cor da hora que se levanta
Levanta agora, levanta a aurora.

Leva a esperança, minha
bandeira
Tu és criança a vida inteira
Toda vermelha, sem uma listra
Minha bandeira, que é socialista.

Estandarte puro da nova era,
Que todo mundo espera, espera
Coração lindo no céu flutuando
Te amo sorrindo, te amo
cantando

Mas a bandeira do meu partido
Vem entrelaçada em outra
bandeira
A mais bela, a primeira
Verde amarela, a bandeira
brasileira. Jorge Mautner

Cifras: [C Dm / F C
C Am Dm / G7 C]



Meio Segundo

Pensei um instante
em como seria a vida
se assim como está
não fosse.

E me deparei com uma infeliz
e previsível constatação
de que do mesmo jeito
que está seria
só que diferentemente
do que ora está
pois eu poderia ser
outro ou eu mesmo
ou ainda como no espelho,
ao avesso.

E ainda mais me espantei
pois o mundo também não seria,
não sei,
o mesmo mundo no sim
e no talvez.

E concluí
quase que no mesmo instante,
de uma só vez,
que se tudo mudasse
nada aconteceria,
ou se ainda nada sucedesse
eu nem saberia.

Marcos Maia

A face do vão.

Marcelo Silva Souza *

Com Vão, o primeiro livro de Allan da Rosa, está fixada mais uma voz poético-periférica. Mas aqui não vai nenhum exotismo desses que tentam garantir certo nicho: se buscas isso, esqueças esse Vão: nele, ao contrário, encontra-se a poesia de alguém que participa do recente esforço de auto-definição literária, e portanto real, daqueles que apesar de suas inúmeras mãos não podiam descrever a si mesmos, e tinham que se ler como a elite os imaginava. Por outro lado, Vão não renega pura e simplesmente as imagens-dq-povo criadas pela elite: trata-se de se apropriar delas para criar outras que só poderiam existir a partir de uma experiência periférica; a beleza própria que decorre disso deve ser julgada pelo leitor, que descobrirá ruas vivas e sonhos-contorcidos, em gírias e rimas poéticas.

Vale ainda dizer que a edição é uma maravilha (sem nenhum favor), que cria artes dentro da obra: impressão em letra de mão, delicadas ilustrações criadas especialmente para os poemas, e grafitagens de mestre.

Sem mais espaço, deixo o leitor “Ali, na profusão entre o sonho e a pele, entre a rua e a cama. O vão”.

Para contato: santosdarosa@ig.com.br

* [estudante na FFLCH]



Vão, de Allan da Rosa.

Ed.Toró, São Paulo, 2005. O poeta na apresentação de seu livro

Cultura

A Cariátide

Marcos Maia*

Com as pálpebras repousadas consigo vê-la. Passeia tranqüila sob as arquitraves do edifício. Dança suavemente com as roupas leves e esvoaçantes. Nos momentos de profunda dor sustenta todo o peso da construção em suas costas. Vejo seus olhos vítreos e cheios de sentimento. Rubro sentimento. Imagino em êxtase o que há por baixo de todos aqueles tecidos. Sozinho em minha noite, várias vezes me delicio e gozo ao sabor da imprevisibilidade de suas formas. Depois disso, e mesmo no sono, posso sentir a opulência daquele corpo.

Uma vez vi suas pernas, colunas perfeitas de uma outra coluna mais perfeita ainda. E ela estava sentada, como nunca fica uma cariátide. Mas ela sentou. E eu pude contemplar suas pernas flexionadas, deixando à mostra a curva das ancas e o desenho do sexo. Mas os lençóis não me deixaram apreender a verdadeira imagem. Apenas vultos e sugestões. No entanto senti, ao redirecionar o olhar para os vitrais do seu rosto, toda a angústia e toda a voluptuosidade daquela mulher sólida. A luz do seu rosto de mármore inundou os meus olhos e neste instante pude ver seus braços estendidos ao meu encontro, implorando para que daquele lugar fosse arrancada.

Ansiando por ser transformada em mulher humana, chorava, assim como eu. E nossas lágrimas se misturaram formando uma pasta multicolorida, pois dos seus olhos jorrava uma tênue cascata de finíssimos grãos de areia.

* [Arquiteto e músico]



Cinema

Memórias do Saqueio

Thiago*



Desligar a televisão, fechar os jornais e se dirigir até o cinema para assistir "Memórias del Saqueo" de Fernando Solanas pode ser o melhor caminho para entender as origens das crises latino-americanas, incluindo as brasileiras. O documentário faz um convite a todos que desejam abdicar das aparências espetaculares da mídia e seguir outro caminho, o da tomada de consciência do saqueio, da crise republicana, das privatizações e do genocídio social.

A câmera de Solanas é um olhar militante que não se fixa em algum edifício distante ou helicóptero para filmar as manifestações de rua. Ao contrário, ela participa da manifestação e filma as agressões às mães da Praça de Maio compartilhando, do risco da responsabilidade que implica à atividade militante. O autor tem um lado e não pretende escondê-lo. Longe disso, para ele, mostrar a verdade documental é unir as fachadas belas dos prédios oficiais e as cenas da fome. Já nos créditos, parece dizer de ironia que o retrato do saqueio está maquiado na aparente realidade cotidiana, mas cabe ao cinema crítico mostrar os saqueadores (as ricas fachadas do Bank Boston) ao lado dos saqueados (argentinos que comem restos em lixões).

Se os vidros escuros dos carros importados, a repressão policial ou imprensa oficial impedem esse encontro tão verdadeiro, Memórias do Saqueio o realiza com imagens e sons, fazendo as junções encobertas e incômodas da sociedade argentina, não muito diferentes nos outros países da América Latina.

No auge dos ganhos que o cinema pode oferecer à crítica social, o filme decide entrar no interior dos edifícios oficiais para unir corredores respeitosos, pinturas de políticos argentinos e todo o despojo simbólico dos vencedores à crítica histórica e econômica feita pela narração. Andamos nesses corredores e simultaneamente somos informados das

ilegalidades das multinacionais ao transformar dívidas de suas filiais em dívida externa dos países em que elas estão sediadas.

Entretanto, o filme não se limita a atestar o saqueio e suas origens, ele é claro ao demonstrar o fôlego das lutas de resistência. Ao captar o depoimento de uma mulher que bate na panela com que ela alimentou os filhos nas últimas décadas, há uma união entre a memória pessoal e o sentido de sua luta, um ponto fundamental para determinar a urgência das lutas contra o neoliberalismo. Em tempos de individualidade exacerbada e passividade, depoimentos como esse nos convidam para uma reflexão urgente acerca da responsabilidade dos latino-americanos sobre o seu futuro.

"Memórias do Saqueio" é arte política. Um mundo despoliticizado é verdade propalada pelos saqueadores e, portanto, uma ilusão mortífera. A beleza do filme de Solanas advém da verdade crítica, da esperança na capacidade humana de lutar e de resistir à miséria total. Sempre haverá políticas e belezas diversas. Cabe ao espectador escolher a sua, antes que as aparências criadas pelos saqueadores escolham por você.

* [Estudante da FFLCH-USP]

Parceiros e apoiadores

SINPRO - SP, DCE-Livre da USP, APEOESP, Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da USP, SINTUSP, APROPUC, Centros Acadêmicos de Economia (CAVC), Geografia (CEGE) e Educação (CAPF) da USP, CA de Economia da PUC (Leão XIII) e Consulado da Venezuela em São Paulo.

Sinpro SP
Sindicato dos professores de São Paulo

ACEP
Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da USP

UNIVUSP
União Nacional de Estudantes de São Paulo

DCE USP
Direção Cultural de Economia da USP

APROPUC
Associação de Professores de História da USP

CAVC - USP
Centro Acadêmico de Ciências da USP

Consulado Geral da República Bolivariana da Venezuela em SP

CAPF
Educação - USP

LEÃO XIII
Centro Acadêmico de Economia da PUC

CEGE
Geografia - USP

ACEPUSP
Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da USP

Leia, colabore e divulgue!

Cotas-Assinatura

Adquira e Redistribua Cotas entre seu coletivo: apoie a continuidade da imprensa popular e independente

apalavralatina@yahoo.com

Aqui você obtém informação crítica acerca dos principais acontecimentos de nossa época, análises detalhadas e boa literatura!

www.acepusp.org.br/apalavralatina

www.nodo50.org/resumen

Postos de Distribuição Fixa:

- # Livraria Acervo - Novos e Usados (Rua Artur de Azevedo, 723 Pinheiros - SP - Tel. 3062-0951)
- # Espaço Cultural O Jardim Elétrico (Av. Heitor Eiras Garcia, 80 Butantã - SP - Tel. 3733-4191).

O Jornal pode também ser encontrado nas principais Universidades, Centros Culturais e Teatros, Biblioteca Municipal e sedes de movimentos sociais, partidos e sindicatos progressistas.